



XVI ENCONTRO DA REGIONAL SÃO PAULO
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL
ABRAPSO

Capitalismo, luta de classes e os desafios para a democracia no Brasil:
implicações para a práxis psicossocial



21 a 23 de abril de 2023
Taubaté (SP)

Realização



Patrocinadora



Apoio



MESTRADO EM
DESENVOLVIMENTO
HUMANO

DEPARTAMENTO
DE PSICOLOGIA



71. Praça Roosevelt: contribuições Psicanalíticas e da Psicologia Social Crítica aos conflitos de vizinhança

Maria Cristina Itagiba Fonseca e Belinda P. Haber Mandelbaum

Roda 15. História e memória da Psicologia no Brasil: a contínua construção da práxis psicossocial

O medo da violência tem importante efeito na organização do espaço urbano e políticas de gestão. Os discursos e estratégias de segregação como tentativa de garantir segurança, em geral, produzem a criminalização de sujeitos por aqueles que se consideram legítimos aos seus territórios. Assim, as marcações que separam quem deve ser protegido de quem precisa ser vigiado estão calcadas em um processo histórico de dominação, segregação e exploração, resultado do processo de colonização que não cessa de se repetir. Este trabalho buscou compreender as relações entre sujeitos e territorialidade a partir de discursos, disputas e conflitos que permeiam o espaço público, tendo sido eleita a Praça Roosevelt (São Paulo - SP) como foco. Como método, optou-se pela etnografia para conhecer e compreender os modos de relação possíveis e os conflitos de vizinhança que surgem das formas de ocupação na praça. Foram realizadas visitas de observação, registros em vídeos, fotos e em diário de campo, além da participação nas reuniões do Conselho Comunitário de Segurança (CONSEG), uma entidade de apoio à polícia no trato das relações comunitárias, além de entrevistas com moradores, frequentadores, artistas e comerciantes. Os discursos sobre a Roosevelt são diversos e estão entrelaçados à posição e às identidades com as quais os informantes se apresentam. Deste modo, a pluralidade se torna um problema que as forças de segurança são convocadas a resolver. Independentemente da posição que o sujeito ocupa, os problemas de convivência foram localizados em um “Outro”, seja este um forasteiro ou o vizinho autoritário. A análise foi realizada a partir das proposições freudianas que tratam de fenômenos sociais e de grupos a partir da noção de “narcisismo”, considerando ainda o entrelaçamento entre essa vertente teórica e perspectivas da Psicologia Social Crítica e outras leituras sócio-históricas e latino-americanas que têm as formações sociais brasileiras fundadas a partir de uma lógica de exploração escravocrata e racista. Assim, o ódio e a violência estão atrelados a uma invocação de identidade grupal que predomina e se sobrepõe às outras, compreendendo-as como inferiores, a partir de marcadores de classe e raça, levando a supressão das possibilidades de simpatia e identificação. Este estudo foi motivado por uma abordagem policial sofrida junto com um grupo de psicólogos que realiza atendimentos clínicos na praça, por nossa presença ter sido considerada estranha a um morador. Apesar da polidez, fomos questionados, fotografados e cobrados por autorização municipal. Evidentemente, a abordagem sofrida foi diferente das que acontecem com pessoas em situação de vulnerabilidade social, pobre e/ou negro. Oficialmente, a praça é espaço de todos, mas, na prática, alguns estão autorizados a ficar, outros não. Assim, as questões e conflitos do território, observando corriqueiramente ações de expurgo social desses “indesejados” levaram à escolha do objeto de pesquisa.

Palavras-chave: Vizinhança Segregação Conflitos